



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO COMPORTAMENTO INFANTIL

BIANCA ROESNER LIMA
RA 2071386/0

ORIENTADORA: RENATA INNECCO BITTENCOURT DE CARVALHO

Brasília/DF, novembro de 2010

BIANCA ROESNER LIMA

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na faculdade de tecnologia e ciências sociais aplicadas – FATECS – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Renata Innecco Bittencourt de Carvalho

Brasília/DF, novembro de 2010

BIANCA ROESNER LIMA

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na faculdade de tecnologia e ciências sociais aplicadas – FATECS – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Renata Innecco Bittencourt de Carvalho

Banca examinadora:

Prof^a. Renata Innecco Bittencourt de Carvalho
Orientadora

Prof^a. Mônica Igreja do Prado
Examinadora

Prof^a. Tatyanna Castro da Silva Braga
Examinadora

Brasília/DF, novembro de 2010

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram ao meu lado durante essa jornada em busca da carreira jornalística. Pessoas que me apoiaram nos momentos complicados, se alegraram comigo nos bons momentos e não me desampararam na hora da dificuldade.

Em especial, dedico aos meus pais, Douglas e Ilione, que em todo o tempo me ajudaram, me ensinaram o bom caráter, bons princípios, honestidade e integridade. Também ao meu irmão Gabriel, minha avó Marlene e meus parentes que moram em São Paulo, que são motivos de alegria na minha vida, e ao meu namorado Wesceley por acreditar em mim e na minha capacidade, ele que é fonte de inspiração e motivo de eu sempre seguir em frente.

Dedico ainda aos professores que me ajudaram a chegar até aqui e aos meus amigos Fábio Leão e Pablo Emílio que levarei comigo para sempre, pois são pessoas especiais.

Agradeço primeiramente ao meu Deus, único e suficiente na minha vida, a quem devo tudo que tenho e que sou, pois sem Ele eu nada seria. Também a todos que se dispuseram a me ajudar nas pesquisas deste trabalho acadêmico, aos pais, às crianças e aos professores. E, em especial, à professora Renata Bittencourt que me acolheu e foi fonte de conhecimento, além de essencial para a realização desta monografia. Obrigada.

Resumo

O objetivo principal desta monografia é pesquisar e analisar um pouco sobre como a mídia influencia as crianças na construção de identidades, na mudança de comportamentos e na formação de opiniões. Estudar a criança e sua relação com a televisão não é simples e demanda muita atenção, pois é um assunto cercado de polêmicas e controvérsias. No entanto, todos os mistérios relacionados com o tema proporcionam uma grande carga de informação e conhecimento, o que torna o assunto ainda mais interessante. Diante disso, vários autores foram pesquisados e um trabalho de campo foi realizado na busca de comprovar as teorias já existentes, ou mostrar novos caminhos.

Palavras-chave: Televisão. Criança. Infância. Educação.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Contextualização do assunto	7
1.2 Justificativa.....	8
1.3 Problema de pesquisa.....	9
1.4 Objetivos	9
1.4.1 <i>Objetivo geral</i>	9
1.4.2 <i>Objetivos específicos</i>	10
2 DESENVOLVIMENTO	11
2.1 O caráter lúdico.....	12
2.2 A era digital	15
2.3 Representação da TV pela criança	18
2.4 Televisão, escola e família	23
3 METODOLOGIA	27
3.1 Descrição detalhada da metodologia	28
3.1.1 <i>Sujeitos</i>	30
3.1.2 <i>Autorização</i>	31
3.2 Apresentação e discussão dos resultados	32
3.2.1 <i>Grupo Focal</i>	32
3.2.2 <i>Estudo de Caso</i>	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5 REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do assunto

O avanço da tecnologia trouxe uma grande mudança de comportamento em pessoas de todas as idades. Facilidades foram encontradas em equipamentos como eletrodomésticos, computador, celular e televisão, onde cada vez mais o homem se aproxima da modernidade e abre mão do trabalho braçal.

O desenvolvimento desses meios veio para facilitar a vida do homem, mas como consequência, houve uma mudança de comportamento evidente. Antigamente, fazer comida em forno à lenha demandava tempo e paciência. Hoje, na era da correria, da rotina sem tempo para uma vida saudável, é possível preparar um almoço em 10 minutos no microondas.

Os meios de comunicação não ficaram para trás. Questiona-se a possibilidade do jornal impresso estar chegando ao fim com a chegada da internet e o jornalismo online, instantâneo e imediato. A televisão também sofreu mudanças. Sua programação se adapta à realidade, às necessidades do momento e ao público que deseja alcançar.

Dentro dessas mudanças, está a grade de programação oferecida pelas emissoras de televisão às crianças. Houve a modernização dos livros, contos e histórias para programas infantis e desenhos animados. Com um único equipamento, a criança pode assistir desenhos, novelas, seriados e telejornais ou até mesmo brincar no vídeo game.

Essa transformação trouxe consigo uma nova identidade para a infância, onde as crianças possuem quase que na sua totalidade, brinquedos digitalizados, que se movem sozinhos e até conversam com elas. A modernidade trocou os amiguinhos de rua e vizinhos de porta pelas bonecas que fazem xixi e chamam “mamãe” (PACHECO, 2009) e pelos carrinhos de controle remoto.

A era do imediatismo, do instantâneo e da correria fez da televisão a companheira predileta das crianças. Enquanto os pais trabalham o dia inteiro e se sentem exaustos ao final do dia, elas ficam entregues ao que a mídia fala, exhibe e ensina.

A preocupação em realizar esse estudo está nesse ponto. As crianças atualmente possuem duas alternativas: podem estudar em um dos períodos do dia, e no decorrer das horas ficam assistindo à televisão, isso quando não precisam trabalhar para ajudar os pais, ou então, estudam e fazem atividades durante o resto do dia como esportes, dança, reforço escolar e informática, tendo assim, uma rotina tão lotada quanto a dos pais.

Independente da alternativa escolhida para seus filhos, muitas vezes os pais não regulam o que, como e quanto assistem da programação da TV. Com uma agenda repleta de tarefas, ou não, uma coisa é fato: as crianças não deixam de ver TV. Criança gosta de televisão.

A preocupação dos pais influencia no que as crianças podem, e vão, aprender com a mídia. A certeza é que a televisão funciona 24 horas por dia e pode mostrar o que há de bom ou o que há de ruim, o que é certo e o que é errado. Nesse ínterim, procura-se um culpado: os adultos, ou a televisão?

1.2 Justificativa

Escolher o tema de estudo desta monografia foi uma tarefa bastante prazerosa. A idéia se deu logo no início do curso, enquanto cursava a matéria de Ética e Legislação em Jornalismo. Um debate em sala de aula questionou o que de fato as crianças aprendem com a mídia e que tipo de programação poderia ser considerada como educativa. Essa questão despertou meu interesse e me fez querer saber mais sobre o assunto.

Durante os quatro anos de faculdade, essa foi a única vez que discutimos em sala esse assunto. Nenhum outro professor, ou matéria, argumentou tal questão. O que mais me intrigou foi saber que vários assuntos interessantes poderiam ser trabalhados e estudados pelos alunos de jornalismo e, enquanto isso, o currículo do curso diminuiu na quantidade de matérias.

Diante desses fatos, desejei a estudar na monografia um assunto pouco abordado em sala, mas muito importante no amadurecimento de uma visão da mídia de massa. Essencial para a formação acadêmica e um tema de relevante importância para o trabalho social que a profissão de jornalista exerce, decidi por

estudar mais a fundo como a mídia pode criar novos pensamentos na fase da infância.

Outro motivo que ajudou na escolha do meu tema é o fato de que já trabalhei com crianças em escola dominical e sempre me relacionei bem com elas. Me impressiona a forma como as crianças são criativas, inteligentes e absorvem com facilidade o que ouvem e vêem.

Minha infância foi marcada com programas como Mundo da Lua, Rá-Tim-Bum, Cocoricó, Glub-Glub e Castelo Rá-Tim-Bum, dos quais me lembro até hoje. Considero cada um desses fonte de conhecimento e ensino para as crianças pois ensinam coisas básicas do dia-a-dia como escovar os dentes, lavar as mãos, comer verduras e legumes e ajudar os pais na organização da casa.

Muitas vezes as lições dos pais, para as crianças, são chatas e entediadas, mas quando vem de um personagem de televisão que elas admiram, então ganham uma importância maior, e podem fazer dessas tarefas chatas, tarefas divertidas.

As crianças de hoje são os adultos de amanhã. No curso de Jornalismo percebi o quanto isso é verdade. A mídia é fonte de informação, e por isso estudar a criança e sua relação com ela se torna, além de muito interessante, uma questão de extrema importância para qualquer aluno de comunicação social.

1.3 Problema de pesquisa

A televisão influencia a criança a gerar novas idéias e opiniões e a mudar comportamentos?

1.4 Objetivos

1.4.1 *Objetivo Geral*

Analisar se e como a televisão influencia a criança a gerar novas idéias e opiniões e a mudar comportamentos.

1.4.2 *Objetivos Específicos*

- Conhecer as preferências de programação televisiva da criança;
- Entender qual o chamativo dessas programações e se elas influenciam suas ideias;
- Pesquisar o que é absorvido da programação assistida;
- Refletir sobre a mudança de comportamento da criança de acordo com os programas a que assiste.

2 DESENVOLVIMENTO

Com a evolução do homem e das tecnologias, a comunicação ganhou muitos e diferentes significados. Hoje, são inúmeros os conceitos existentes para esse fenômeno, e um deles, dito por Ruesch e Bateson é o de que a “comunicação não se refere somente à transmissão verbal, explícita e intencional de mensagens. [...] O conceito de comunicação inclui todos esses processos por meio dos quais as pessoas influenciam outras pessoas” (RABAÇA; BARBOSA, 2002, p.156).

A ideia de que a comunicação tem poder de influência sobre o homem está presente em muitos dos conceitos analisados, principalmente quando se trata da infância, onde a criança está em fase de conhecimento e aprendizado para formação de sua personalidade, e conseqüentemente não possui ainda uma opinião formada sobre a vida, sobre as pessoas de sua convivência etc. Para Pacheco,

conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança é pensá-la como um ser de relações que ocorrem na família, na sociedade, na comunidade. É conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em grupos sociais, nas “peladas”, enfim, em todas as suas atividades. (2009, p.32)

Exergando a criança dessa forma, é possível entender que a mídia possui um papel fundamental no seu desenvolvimento. Atualmente, a infância é cercada de brinquedos digitalizados, computadores e vídeo-games, contradizendo um caráter básico da fase infantil: o lúdico, o imaginário. A criança aprendeu que é possível ter brinquedos prontos, que não é mais preciso construí-los.

Nos capítulos seguintes será possível entender um pouco mais sobre como a infância sofreu com tais transformações, o papel da mídia, representada aqui pela televisão, e as conseqüências desse processo.

2.1 O caráter lúdico

A atividade de brincar é a mais presente durante a infância. Seja na escola, em casa ou na rua, a criança está sempre brincando com algo ou alguém. Esse é o princípio básico da infância saudável: o estímulo ao caráter imaginário. “Tal atividade de brincar dá-se no diálogo com o mundo adulto. A criança não apenas transgride através de sua ação lúdica o real, mas tenta compreendê-lo e significá-lo, brincando de ser adulto, ou seja, reinventando-o” (GOUVEA, 2009, p.29).

Pessoas como Monteiro Lobato, anos atrás, já concordavam com esse princípio. Ao criar o Sítio do Pica Pau Amarelo, Lobato idealizou uma obra em que a criança não apenas pudesse ler, mas também, participar. Arthur da Távola, jornalista e ex-senador da república, escreveu sobre o tema e “pescou” muito sabiamente uma frase de Lobato em 1926, época em que lançou sua primeira obra infantil, *Reinações de Narizinho*, que diz assim:

De eu escrever para marmanjos eu já enjoei, bicho sem graça. Mas para crianças um livro é todo um mundo, ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças podem morar, como morou, Robinson Cruzoé e os filhos do Capitão Grant. (LOBATO, apud TÁVOLA, 2009, p.39)

O termo “morar” usado pelo autor na citação acima revela justamente o significado que uma obra precisa ter na vida de uma criança, um lugar onde ela pode ser criança, ter todo um mundo de novidades, brincadeiras e aprendizado, com noções de sociedade, trabalho em grupo, família etc.

Obras como as de Monteiro Lobato estimulam o lado criativo do ser humano, o imaginário, o lúdico. “Daí ele ter criado na boneca de pano e no sabugo de milho algumas personagens em permanente fazer-se, em construir-se constante, onde a força criadora do leitor ganha seu espaço” (TÁVOLA, 2009, p.43). Com o avanço da tecnologia, O Sítio do Pica Pau Amarelo passou dos livros para a televisão. Suas características educativas e didáticas permaneceram meio à diversão que o programa proporcionava, sempre com a preocupação de transmitir uma mensagem de cultura, cidadania ou bom comportamento às crianças.

O que antes estava disponível apenas em livros, poderia agora alcançar um número muito maior de crianças, através da televisão. Carneiro classificou lúdico-

ficcionais “os programas educativos com uma mais ampla concepção de educativo, não limitada à preleção didática. Para provocar aprendizagem, abrem-se ao imaginário, à ficção, ao ludismo, manejando linguagens e formatos” (2000, p.52).

A chegada dos programas infantis às “telinhas” gerou uma aproximação entre a criança e a mídia. A possibilidade de se criar programas com imagens, cores e personagens exóticos atizou também a criatividade de quem os produzia. Programas como Vila Sésamo, Mundo da Lua, Rá-Tim-Bum e o Castelo Rá-Tim-Bum fizeram muito sucesso e são motivo de discussão e pesquisa até hoje.

Essa dimensão do brincar reforça compreendê-lo como interação com a cultura. Nesse sentido, a imaginação se apresenta não exatamente como capacidade de a criança fabular, mas de extrair das situações cotidianas e das interações concretas seus elementos prototípicos, que permitem à criança significar a cultura. (GOUVEA, 2009, p.30)

Os programas infantis ganharam um formato específico em que a criança tinha contato com a cultura e situações do cotidiano. Eram divididos em quadros pedagógicos, onde existiam vários personagens diferentes transmitindo mensagens diversas em um único episódio. Uma grande e importante carga de informação, ensino e educação.

Os quadros pedagógicos têm como propósito ensinar. Apresentam conteúdo pedagógico. Predominam narrativas. Contam-se histórias, fragmentos de histórias. Há multiplicidade de personagens-doadores. Há traço forte predominante de solicitadores. Não se doa, simplesmente, conhecimento. Há sempre a tarefa de experimentar, construir, buscar. (CARNEIRO, 1999, p.135)

Essa ideia de ensinar implica o uso constante da imaginação, do estímulo ao lado criativo da criança. “A imaginação permite-nos desenvolver o pensamento criativo, fundamental para nossa inserção no mundo” (GOUVEA, 2009, p.34). Ao mesmo tempo em que a criança se diverte, ela aprende com os personagens. A criança se identifica com as situações que eles vivem, pois acontecem nos mesmos ambientes em que eles vivenciam: a escola, em casa, com amigos e com animais de estimação.

Segundo Gouvea, a criança não busca resultados e razão, como o adulto, mas sim, buscam o prazer e alegria de executar uma tarefa, usando para isso a sua imaginação que permite conhecer o novo. “Prazer que vem de brincar com os

objetos, os seres e a linguagem, emprestando-lhes um sentido que vai além da realidade imediata” (2009, p.29).

Mas quando pensamos nesses programas, nesse modo de ensinar e transmitir conhecimento à classe infantil lembramos que, atualmente, essa programação não está mais acessível como antes. Para assistir ao Rá-Tim-Bum ou ao Castelo Rá-Tim-Bum, por exemplo, é necessário possuir TV por assinatura e procurar na “grade” o dia e o horário em que passa. A programação diária da TV aberta contempla outros programas.

Segundo Dürst, “um programa infantil não vale apenas para fazer a criança brincar. Acho que trabalhar o imaginário infantil é um dos elementos do desenvolvimento da criança” (2009, p.120). O autor completa dizendo que a criança precisa ser crítica e capaz de questionar. “A Emília de Monteiro Lobato é o melhor exemplo disso. A criança sente falta de liberdade” (DÜRST, 2009, p.121).

Sem crítica na TV e até na escola, estamos criando uma geração sem a noção de no quê confiar ou do quê desconfiar, uma geração que perde os limites, já que o que é mostrado é que se pode tudo [...] Respeitem a criança, ela tem o seu próprio mundo. Não a tratem como um adulto conservador e consumidor de modismos. Ela é viva e tem pressa, porque a infância dura pouco. (DÜRST, 2009, p.122)

Para Távola, sobre a programação infantil na televisão:

[...] o que não se pode é não se ter, como não se tem, sobretudo na programação infantil da TV de nossos dias, nenhum contato com os valores culturais do próprio país. Não temos contato na música, no comportamento, na formação da cidadania, porque a televisão hoje opera a formação de consumidores e não a de cidadãos que eventualmente seriam também consumidores. (2009, p.45)

As crianças precisam estar em contato constante com as mudanças sociais no mundo e as situações e problemas do cotidiano. É possível fazer isso através do caráter imaginário na infância, seja através de livros, da escola, ou até mesmo de programas na televisão já que, segundo Carmona, “as crianças brasileiras ficam, no Brasil, em torno de três horas diárias assistindo à TV” (2009, p.65).

2.2 A era digital

A “era digital” é um tema cercado de polêmicas e características. Ela se desenvolveu a partir de ideias do homem no meio tecnológico, e veio para ficar e revolucionar o meio da informática, da tecnologia e das mídias.

No presente, o mundo vive uma nova era, uma revolução – a técnico-industrial – advinda das novas tecnologias da informação. É uma revolução silenciosa, que veio para ficar e se caracteriza pelo desenvolvimento das telecomunicações, da informática, da automação de serviços, dos robôs, dos satélites e até dos eletrônicos usados para o lazer. Embora silenciosa, ela está possibilitando profundas transformações, que atingem a humanidade sem que esta se dê conta. (PACHECO, 2009, p.29)

O tema “era digital” vem confrontar justamente com o anterior, sobre o imaginário infantil. É raro encontrar hoje uma criança que fabrica seus próprios brinquedos, que brinca na rua com os vizinhos ou que faz aviãozinho de papel. A era digital surgiu no cenário que já se encontrava a indústria cultural, a era do consumo, do imediatismo.

É raro encontrar um autor que não cite essa nova era, essa nova cultura digitalizada que está se infiltrando cada vez mais na sociedade, e conseqüentemente nas crianças.

O que mais chama a atenção é a preocupação destes autores com as possíveis conseqüências que podem acontecer. Pacheco (2009) não esconde que a indústria cultural está mudando completamente os valores da sociedade, gerando novas características e posturas nas pessoas.

Massificação e solidão são características da globalização da indústria cultural. A mídia modela as posturas e cria necessidades levando ao consumo do supérfluo. Isso é feito não só por meio de estratégias de publicidade e marketing, como também por meio de estratégias subliminares, que desfilam diariamente em todos os gêneros televisivos. (PACHECO, 2009, p.30)

A massificação e a solidão citadas pela autora refletem como as crianças tem se comportado dos últimos anos até hoje. Cada vez mais isoladas, dentro de suas casas, as crianças trocaram as brincadeiras de rua pela televisão e pelos computadores. Um canal de gênero infantil, em uma TV por assinatura, oferece 24

horas de programação por dia, ou seja, é possível que uma criança assista 24 horas de televisão por dia.

[...] poderíamos dizer que, no nosso cotidiano, o tempo, o espaço e o real perdem a referência, são substituídos por simulacros da mídia eletrônica, que passam a povoar o imaginário social. A sociedade de consumo, ao mesmo tempo em que oferece todo o conforto dentro do lar, retira as pessoas dos contatos interpessoais e impõe à criança os espaços privados, retirando-lhes os espaços públicos onde ela partilhava e usufruía da riqueza da diversidade cultural. (PACHECO, 2009, p.31)

A chegada da televisão foi um grande avanço tecnológico, mas não derrubou a atividade de estimular o imaginário, de oferecer programas educativos, programas de conteúdo cultural etc. Será que o avanço exagerado e sem limites da televisão, dos computadores, da internet, vídeo-games, notebooks e celulares acaba por atrapalhar no desenvolvimento saudável na fase da infância?

Além da massificação, que é uma característica preocupante dos meios de comunicação, principalmente em se tratando de crianças, Rosenberg (2008) chama a atenção para o fato de que as crianças estão cada vez mais desacompanhadas dos pais em seu crescimento.

[...] uma situação comum é a de crianças que ficam em casa sozinhas. Às vezes estão realmente desacompanhadas. Em outras, os adultos estão em casa, mas ocupados com suas tarefas e não dão atenção aos pequenos. O sentimento de solidão provocado pelo isolamento faz com que muitas crianças procurem na TV um companheiro. (ROSENBERG, 2010, p.3)

As relações entre as pessoas e os contatos interpessoais deram lugar ao novo “melhor amigo” da criança: a televisão. A era do imediatismo fez com que o ser humano ficasse ainda mais ocupado com seus afazeres, e a educação, a cultura e o contato direto com a sociedade foram deixados de lado, em segundo plano.

Um aspecto interessante para ser ressaltado é a diferença entre as classes sociais na compra do equipamento eletrônico. Segundo pesquisa do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – divulgada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹, em 2009, 95,7% da população possui a

¹ Pesquisa divulgada pelo IBGE no ano de 2009 de acordo com o PNAD. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sinte_se_ind_6_4.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

televisão em casa, número que supera até a quantidade de geladeiras em domicílio. A curiosidade é que a classe popular é um público crescente na aquisição de televisores.

Sem condições financeiras para usufruir de passeios e programas culturais idealizados pela elite, os adolescentes de classes populares utilizam a televisão e os demais meios para passar o tempo e se descontraír. (ENDRUWEIT; RADDATZ, 2010, p.2)

Diferente das crianças socialmente mais favorecidas, as que moram em periferias “ficam sós grande parte do dia, sem amigos, como parques brinquedos que já não oferecem desafios” (REZENDE, 2009, p.81).

É possível fazer aqui, novamente, um contraponto com o capítulo anterior. Monteiro Lobato criou para a criança um brinquedo perfeito, brinquedo esse que cada criança idealiza da maneira que julgar mais interessante e divertido. A boneca Emília tanto propunha ensinar, como estimular e divertir.

A boneca de pano velha, amassada, malfeita, permite à criança uns cem números de “encarnações” (expressão da própria Emília), e infinitas personificações muito mais ricas e criativas do que produtos acabados, prontinhos, perfeitos, que dizem “mamãe”, sabem mamar e até fazem xixi para que se troque a fraldinha, como anos depois o progresso industrial criou para as meninas. (TÁVOLA, 2009, p.42)

Távola defende que a fantasia infantil não pode ser esquecida, pois serve para milhares de coisas e brincadeiras, enquanto um produto industrial, por mais completo que pareça, é limitado na sua essência, “deixa pouco ou nenhum espaço para a complementação criativa das crianças” (2009, p.42).

Ponto interessante também é o paralelo que se firmou entre o infinito imaginário infantil e o mundo sem limites que os meios eletrônicos oferecem, como os computadores e a televisão. “A TV é um híbrido de eletrodoméstico com porta do encantamento. Inerte como um liquidificador, basta apertar um botão e um outro mundo se precipita sala adentro” (VERDE, 2009, p.94).

Alguns autores concordam com tal teoria, mas defendem que a televisão não é um “bicho de sete cabeças”. Para Rezende, “embora a TV não tenha prioritariamente função educativa, ela integra a totalidade das experiências existenciais da criança e, sem dúvida, estabelece padrões de comportamento” (2009, p.73). Távola acredita que a era digital tem seu papel. e um lado positivo

durante a infância: “Felizmente, o computador, agora, de certa maneira, redesperta e liberta o imaginário [...] O livro, apesar do apoio intelectual e do grande desenvolvimento técnico, não chega até as crianças” (2009, p.42), não com tanta facilidade como os meios eletrônicos, a exemplo da televisão e do computador.

E também Guareschi: “Antes, ela [criança] tinha os pais, os irmãos, os amigos. Agora, ela tem tudo isso e algo mais: a televisão” (2009, p.88). Elementos como a sabedoria, o conhecimento, as aventuras, as histórias, o imaginário e o ambiente familiar estão presentes também quando a televisão está inserida no dia-a-dia das crianças. Nessa perspectiva, a televisão não rouba ou transforma valores, mas os adapta a uma nova realidade.

Esta comunicação tem como objetivo levantar uma questão anterior: O que a TV substitui na vida? Ela toma realmente o lugar de alguma coisa? É brinquedo? Babá? Companheira? Vida social virtual? Já foi dita a mesma coisa do automóvel, do telefone, do computador, das redes de computadores. No entanto, por mais que se queira “interativa”, a TV que convida o espectador a atravessar a porta do encantamento ainda lembra as fraquezas do teatro com participação do público: de um lado, uma equipe que se conhece, elabora, ensaia, produz. Do outro, inocentes transuentes constrangidos, pegos de surpresa para fazer figuração num espetáculo que pagaram para assistir. Sem que a televisão tenha, ao menos, a desculpa de que invade para “inquietar” (VERDE, 2009, p.98).

A tecnologia se tornou uma dependência. Viver sem celular, sem computador ou sem internet pode parecer impossível nos dias de hoje. Dificilmente, com esse apego ao meio eletrônico, uma criança ficará isenta de tal atividade. Por esse motivo, tanta preocupação com o seu conteúdo.

2.3 Representação da TV pela criança

Uma pesquisa foi realizada pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia – GRUPEM – em setembro de 2004, com o objetivo de saber mais sobre o que as crianças pensam da televisão, sua programação etc. Esse trabalho, chamado “O que penso da TV?” foi vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC/Rio, e contou com parceria da TVE/Rede Brasil (DUARTE, 2008, p.9). Os resultados foram surpreendentes.

O material recebido é extremamente rico e interessante e demonstra um alto grau de *expertise* por parte das crianças no que diz respeito ao que vêem: elas analisam a televisão com muita competência, demonstrando conhecê-la também pelo lado de dentro; conhecem as linguagens de que esse meio se utiliza para a construção de suas narrativas e têm alguma noção de sua estrutura de produção, de sua lógica interna e de seus modos de intervenção; discutem com relativa precisão diferenças e semelhanças entre os diversos canais e programas, tecem considerações pertinentes sobre eles, comparam grades de programação segundo a qualidade dos produtos exibidos; elaboram críticas mais ou menos elaboradas a esse ou àquele formato, percebem diferenças entre os formatos e ainda discriminam o que, na opinião delas, é educativo e o que não é. (DUARTE, 2008, p.9)

Várias análises foram realizadas no material recebido pela equipe, desde a sua estrutura, texto, desenhos, linguagem, até a representação propriamente dita da televisão nos desenhos e textos. Nesse material, as crianças não apenas analisam a TV, como propõem sugestões.

Dados como a idade, sexo, cidade e estado das crianças que enviaram materiais foram usados na metodologia de análise na pesquisa, além de outras questões como: se foi enviado via correio ou via escola, se possuía desenho, texto, ou ambos, se o desenho era colorido ou não, como a televisão aparecia contextualizada etc. (DUARTE, 2008, p.30). Esse estudo possibilitou conhecer um pouco mais sobre como as crianças enxergam a TV.

Nos textos recebidos pela equipe, foi possível observar a produção de “textos argumentativos ou, dito de outro modo, textos de opinião, pois as crianças mostram uma opinião sobre a tevê e apresentam argumentos para defendê-la” (FERNANDES; ALVES, 2008, p.43), como no exemplo a seguir:

O que penso sobre a TV?
Você quer mesmo saber?
Então eu vou te dizer:
Você aprende ou não,
Tem que botar em um canal bom.
Se você não botar
Olha lá, eu vou te contar...
Ih! Tem tanta propaganda enganosa:
De prefeito que vai melhorar e não melhora nada!
Tem coisas importantes de saber,
Só que são horríveis de se ver.
Porém, tem coisas boas,
Canais educativos prá valer,
Se botar em um canal ruim, olha lá, vou te dizer...

Agora eu te pergunto:
O que você pensa da TV?
(*Menina, 10 anos, escola particular*)
(apud FERNANDES; ALVES, 2008, p.44)

É possível perceber que há diferenciação de verdade e mentira, do que é bom e do que é ruim, de programa, propaganda e canal, do que é importante e do que não é, muitas vezes até enfocando um pouco “do senso comum, da fala dos adultos, do uso de clichês e estereótipos – típicos de opiniões sobre a tevê nos diferentes grupos sociais nos quais essas crianças estão imersas” (FERNANDES; ALVES, 2008, p.45), como no texto desse menino de 9 anos: “Em primeiro lugar, as novelas são muito descaradas, pessoas se agarrando, beijando até fazer sexo. Tá, os desenhos são bem animados, mas têm alguns que viciam a criança em lutar” (apud FERNANDES; ALVES, 2008, p.52).

O senso comum é facilmente notado em fragmentos de textos enviados pelas crianças à pesquisa, seja ele representado pelos pais, pelos professores ou pela própria sociedade. Segundo a autora, “mesmo quando falam da diversão que ela proporciona, sentem-se na obrigação de ressaltar que ela também ensina e que elas aprendem muito com a tevê” (FERNANDES; ALVES, 2008, p.45).

O caráter informativo também foi um aspecto interessante na análise. “Nessa perspectiva, todos os canais e programas transmitem informação e ensinam algo, em geral, importante e útil” (FERNANDES; ALVES, 2008, p.47).

O que eu mais gosto na TV é dos desenhos que são para nos divertir, das novelas que são para nos distrair e dos jornais que são para nos informar sobre os acontecimentos do nosso dia a dia e de vários lugares. (*Menina, 12 anos, escola particular*). (apud FERNANDES; ALVES, 2008, p.46).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a “satisfação de poder emitir uma opinião, de saber que alguém se interessa por ela” (FERNANDES; ALVES, 2008, p.48), como expressou uma menina de 11 anos: “Finalmente, um adulto percebeu que a TV é uma coisa que ensina, incentiva e diverte as crianças. [...] TV é coisa séria!!!” (apud FERNANDES; ALVES, 2008, p.49).

Em alguns casos as crianças expressam sua opinião favorável à televisão, e ao mesmo tempo deixam claro que fazem também outras atividades, para contradizer a opinião dos adultos de que quem vê TV não faz mais nada.

Afinal eu amo a TV, nela eu aprendo várias coisas. Se não fosse pela TV ninguém estaria por dentro das fofocas. A TV é ótima. OBS.: Eu adoro estudar, dançar, sair para parques e shopping etc... (*Menina, 12 anos, escola particular*). (apud FERNANDES, ALVES, 2008, p.58)

Não se pode afirmar que as crianças recebem conteúdo televisivo sem pensar ou refletir sobre eles. Programas educativos, jornalísticos, informativos, filmes e novelas são conhecidos pela criançada, de forma que eles próprios formam opinião acerca. “Trata-se, sem dúvida, de produtores de cultura, que pensam, refletem e constroem opiniões a respeito do que vêem” (FERNANDES; ALVES, 2008, p.62).

Além dos textos, muitas crianças representaram a televisão com desenhos.

Elas [as crianças] representam em seus desenhos muitas das características peculiares da linguagem televisiva e, ao mesmo tempo, apresentam suas críticas e declaram seu ‘sentimento’ por esta máquina. [...] Apesar de receber críticas por parte das crianças, a tevê é vista por elas como uma pessoa da família, que lhes possibilita acesso à informação e à diversão, ampliando, sob seu ponto de vista, seus horizontes. (ALVES; LABRUNIE, 2008, p.79)

Tanto o lado positivo quanto o lado negativo da televisão foram encontrados nos textos enviados pelas crianças à pesquisa do GRUPEM. Em alguns textos, a criança expôs ambos os lados.

Colocações como “a televisão é importante”, “a televisão interliga o mundo todo”, “a televisão é para todos”, “a televisão distrai, e isso é bom”, “a televisão é criativa”, “a televisão vicia”, “a televisão alegra nossa casa e nossa vida”, foram encontradas e analisadas pela equipe de pesquisa, bem como frases dizendo “a televisão é violenta” e “a televisão manipula” (ALEGRIA, 2008, p.88).

“Entre o que as crianças classificam, genericamente, como coisas boas da televisão ou o lado bom da tevê encontram-se, fundamentalmente, os desenhos animados, os telejornais e os programas educativos” (DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.97). E são classificadas por elas também como conteúdo educativo, programas que falam sobre o corpo humano, preservar a natureza, ensinar sobre os bichos, lendas, ciências, geografia, história, ortografia, e, “além disso, para elas os canais educativos ensinam melhor porque veiculam programas com menos violências” (DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.99).

Além desses, os telejornais, mesmo quando declaram ser programas chatos de assistir, também são citados pelas crianças como um ponto positivo da TV “nois

elas os identificam com a possibilidade de acesso a informações e ao conhecimento da realidade” (DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.99).

Para as crianças, “a televisão pode ser manipulada. Pode ser feita de um modo diferente, pode ter uma outra programação, ou então se pode deixar de assistir à TV, numa atitude evidente de oposição ao que recebem através dela” (ALEGRIA, 2008, p.92), conclusões essas retiradas após análise detalhada de todos os textos e desenhos.

Paralelo interessante também de se analisar é a similaridade que as crianças fazem com as expressões “mostrar” e “ensinar”.

A maioria dos que acham que mostrar é o mesmo que ensinar acredita que nem todos os telespectadores imitam o que é mostrado, isto é, que nem todos aprendem o que a televisão ensina ou se deixam influenciar pelo conteúdo do que é exibido. [...] Para essas crianças, os influenciáveis são adolescentes e adultos que não entendem bem o sentido do que está sendo mostrado e também as crianças pequenas (DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.102).

Exemplo disso é a frase desse menino: “Uma vez apareceu na televisão um tênis e um homem voando com esse tênis, um menino de 4 anos comprou o tênis e pulou da sacada pensando que o tênis voava; resultado: me parece que ele morreu” (apud DUARTE, MIGLIORA; LEITE, 2008, p.102).

O consumo foi outra característica da televisão encontrada nos textos e desenhos. “*Não se deixe levar com as propagandas, que zeram sua poupança e promovem ignorância*, diz um menino de 10 anos e esta também é a opinião de uma menina, da mesma idade, que alerta: *Tem canal só para comercial, e acabamos comprando coisas que funcionam mal*” (apud DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.130). Ou o outro lado do consumo: “*Eu gostaria de ganhar num concurso da TV, mas sei que não vou ganhar, nunca ganhei nada na escola* (menino, 10 anos, Serro/MG). É bom ver tevê para *ter acesso a comerciais de empregos para gente*” (apud DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.132).

Enfim, as crianças podem ser consideradas telespectadores que absorvem o que assistem, analisam as programações dos canais e criticam de acordo com suas opiniões, de acordo com o que os pais ensinam ou de acordo com o que aprendem na escola.

O que penso da TV:

Bom, primeiramente, para mim a televisão como é algo que 'chega' a várias pessoas, (dentre essas crianças, adolescentes, adultos, idosos, deficientes,...), é por causa disso que a televisão não pode ensinar coisas erradas, pois assim só vai estar piorando na 'construção' do futuro, pelas crianças e adolescentes, que a assistem.

Eu gosto da televisão porque tem programas legais, desenhos legais, filmes legais, programas que ajudam crianças e adolescentes carentes,...

E eu não gosto daqueles programas sensacionalistas, que parecem problemas, novelas sem 'nexo', sensacionalistas, que parecem que existem só para arrecadar dinheiro para seus criadores.

Televisão é coisa séria.

(Menina, 12 anos, escola particular)

(apud DUARTE; MIGLIORA; LEITE, 2008, p.62)

As crianças adoram assistir televisão e se sentem muito gratas de poder expressar o que pensam e sentem. Podem ser consideradas um dos grupos mais significativos e expressivos quando se trata de telespectador crítico e analítico.

2.4 Televisão, escola e família

A criação da TV levantou muitas questões entre educadores e pesquisadores, que com o passar do tempo foram aperfeiçoando suas análises, conseguindo respostas para alguns questionamentos e gerando mais dúvidas acerca de outros.

A família e a escola, ambientes mais comuns e mais freqüentados pela maior parte das crianças, por vezes pensam que a televisão atrapalha o meio de campo, já que pode desconstruir todo um trabalho de educação e valores passados para as crianças durante a fase da infância. "Nesse contexto há apenas duas alternativas: condenar os meios de comunicação de massa e a televisão e declarar guerra, ou aliar-se a este novo paradigma e inserir a televisão nas discussões de sala de aula" (ENDRUWEIT; RADDATZ, 2010, p.3).

Segundo Orozco, driblar a televisão é um grande desafio, já que "nas escolas públicas de nosso continente, o material didático, basicamente os livros de texto, são insuficientes e inapropriados para cumprir as funções a eles destinadas dentro do conjunto de objetivos educativos buscados" (apud ENDRUWEIT; RADDATZ, 2010, p.2).

Nessa perspectiva, a “televisão se torna muito mais atrativa e divertida do que os livros” (ENDRUWEIT; RADDATZ, 2010, p.3). Também por esse motivo, a sugestão de aliar a televisão à escola parece ser a mais coerente.

[...] ou fazemos dos meios aliados ou os MCM seguirão sendo nossos inimigos e competindo conosco, deslealmente, fazendo-nos perder relevância na educação das crianças e, finalmente, deixando-nos marginalizados de seu desenvolvimento educativo real, ou seja, esse que se dá fora do espaço da escola (OROZCO apud ENDRUWEIT; RADDATZ, 2010, p.3).

Para Guilherme Orozco, a discussão em sala de aula pode gerar resultados positivos nos alunos, como a reação crítica ao que assistem na televisão.

[...] se alunos e professores discutem em sala de aula sobre o que assistiram na televisão no dia anterior, isso contribui para a formação de sujeitos mais críticos, que reagirão de forma a se posicionar frente às mensagens transmitidas pela mídia (OROZCO apud ENDRUWEIT; RADDATZ, 2010, p.3).

Mas tudo isso começa antes da escola, no ambiente familiar, com a educação que recebem dos pais e com os limites que eles impõem, ou não. “A TV tem vida própria? Ela se reproduz sozinha? Liga-se sozinha quando a criança entra na sala? Repararam que somente ela tem um cômodo com seu nome?” (MAGALHÃES, 2009, p.203)

Uma coisa é fato: “criança gosta de televisão” (MAGALHÃES, 2009, p.202). Cabe aos pais, aos educadores e responsáveis por elas ensinar como e quando deve-se assistir televisão. “Não é somente aqui, mas em todo o mundo que, porventura, elas tenham acesso, permanecendo à frente da telinha uma média de 3 horas diárias” (GROEBEL apud MAGALHÃES, 2009, p.202).

É porque a televisão é apenas um eletrodoméstico e, como tal, faz parte de toda a parafernália tecnológica que hoje se denomina lar. O estranho é que ensinamos às crianças a não abrir a geladeira depois do banho, prestamos muita atenção quando vão utilizar o microondas, proibimo-lhes de mexer nas tomadas pelo risco de choque e determinamos que o uso do chuveiro tem limites. Mas a televisão fica ali, intocável, sem que determinemos regras, como se fosse uma pessoa e que pudéssemos, de alguma forma, ofendê-la e ela, sei lá, nos dar uma má resposta ou fazer algum tipo de represália (MAGALHÃES, 2009, p.203).

Nas classes socialmente mais favorecidas, as crianças também costumam desfrutar de outras atividades durante o dia, como aulas de línguas estrangeiras, esportes, dança ou reforço escolar. “E, apesar de tudo isso, as crianças continuam assistindo à TV. E, se o fazem, é porque gostam” (MAGALHÃES, 2009, p.203).

Para Magalhães, “a lógica da TV é a mesma lógica da avó: os pais relutam, mas sem muita convicção, pois geralmente é a opção mais cômoda com quem deixar as crianças” (2009, p.203).

O problema, angustiante para os pais, é que ‘vó’ (e a TV) não é feita para educar, só para divertir. Você acredita que educou direitinho e aí vem a danada e deseduca, tira sua autoridade e aquilo que você construiu com tanto sacrifício, com caras feias, castigos, choros e birras, vai tudo por água abaixo. Mas as nossas avós nem se preocupavam. Diziam que educar era a obrigação dos pais, e elas já tinham feito a parte delas. Agora, elas só queriam ‘curtir’ os netos, sem obrigação social nenhuma. E é o que a criança também quer da TV: passar um tempo, sem obrigação. (MAGALHÃES, 2009, p.204)

Nesse dilema de um construir e o outro desconstruir, um ensinar e o outro deseducar, voltamos à questão inicial: aliar a televisão à escola e à educação, parece ser a forma mais coerente de resolver o problema. Para essa menina de 10 anos, o dilema se resume assim²: “A minha TV para mim: Ela é a mais bonita de todas, a mais especial, a mais bela, a mais fofo. A minha TV para os outros: Ela é a mais feia de todas, a mais normal, a mais ‘orrível’, a mais não divertida” (apud MAGALHÃES, 2010, p.205).

“Enquanto tivermos essas duas televisões dentro do mesmo aparelho, é certo que continuaremos a ter problemas com as crianças e sua relação com a TV” (MAGALHÃES, 2009, p.205).

Cabe aos pais e responsáveis colocar limites às crianças, não na busca de um culpado causador de problemas, e sim, na tentativa de resolver.

[...] crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas, só que essa fonte tem uma energia tremenda. É aí que devemos entrar como professores e pais responsáveis: já que fornecemos critérios para roupa, comida, caráter, então por que não para uso dos meios de comunicação? (TÁVOLA, 2009, p.48)

² Representação feita por Rafaela, de 10 anos, em forma de desenho e texto

Além dos pais, os professores e educadores podem usar da mesma estratégia. A televisão não é um equipamento exclusivo para ser usado em casa, muito ao contrário, se as crianças gostam tanto de assistir à TV, porque então não usá-la na escola também? Para Ferrés, a televisão não é mais um concorrente:

O vídeo pode liberar o professor das tarefas menos nobres, permitindo-lhe ser, antes de tudo, pedagogo e educador. As tarefas mais mecânicas, como difusor de conhecimentos ou mero transmissor de informações, foram confiadas às novas tecnologias (sobretudo ao vídeo e ao computador), reservando-se ao professor tarefas mais especificamente humanas: motivar condutas, orientar o trabalho dos alunos, resolver suas dúvidas, atendê-las segundo o nível individual de aprendizagem. Nessas tarefas o professor é insubstituível. (1995, p.34)

Os professores, pais e responsáveis podem ter outra função, além do mediador de limites aos equipamentos. Crianças não são capazes, na sua totalidade, de definir o que é bom ou ruim para elas, e nem sabem dizer o que é certo e o que é errado, conseqüentemente, é necessário que os adultos ajudem seus filhos a construir significados.

No instante em que os pais assistem à TV com os filhos, troca de olhares e de impressões auxiliam os filhos a construir significados, a reelaborar a mensagem. Pesquisa sobre Vila Sésamo aponta que crianças que assistiram aos programas em companhia de adultos participativos aprenderam mais. (CARNEIRO, 2000, p.29)

Vários autores afirmam que as crianças ficam mais tempo em frente à TV do que dentro de sala de aula. Exemplo disso é Carneiro, que afirma: “pesquisas recentes indicam que crianças ficam mais tempo diante da TV que em sala de aula e são informadas por ela sobre assuntos a que antes tinham acesso apenas por meio de familiares e professores” (2000, p.29).

Conseqüentemente, “professores podem ajudar crianças e adolescentes a estabelecer critérios, a formar juízos, a elaborar opiniões menos espontâneas e a reconhecer programações de qualidade” (CARNEIRO, 2000, p.30), tarefa não só dos pais, mas de todos que possuem certa influência durante a infância.

3 METODOLOGIA

Estudar a criança e sua relação com a TV é uma tarefa complexa. Muitas são as teorias, polêmicas e discussões que cercam o assunto, a exemplo do estudo das mediações. Pesquisar sobre tudo, mesmo que seja um pouco de cada teoria, demanda tempo e muito conhecimento da área. Diante disso, o enfoque escolhido para este trabalho acadêmico foi a relação “Televisão, Escola e Família”.

Na sua totalidade, o assunto é bastante abrangente. A escolha por delimitar a pesquisa se deu justamente na idéia de conseguir mais informações sobre o mesmo assunto, ter mais tempo de analisá-los e desta forma, concluir o trabalho da melhor forma possível.

Segundo Baccega, “a televisão constitui hoje a grande mediadora entre nós e a realidade objetiva” (2000, p.12). A mediação é um conceito básico quando se pensa na relação da tevê com, no caso, as crianças, já que ela “está presente na construção do conhecimento” (BACCEGA, 2000, p.12).

Nesse sentido, trazer à tona a questão da mediação é procurar tornar claro que sua manifestação ocorre a partir de sua própria natureza – ela é inerente ao próprio indivíduo/sujeito (não há indivíduo/sujeito que não porte mediações) –, que se trata de uma categoria cuja elaboração é indispensável à apreensão do objeto que está sendo estudado, sobretudo, a televisão (BACCEGA, 2000, p.16).

O conceito de mediação ajuda a explicar a relação que foi abordada nessa monografia, entre a mídia e a criança. Não se trata somente de uma relação simples, entre ambos, mas “a essa mediação se juntam as demais: classe social, gênero, etnia, nível de escolaridade, etc.” (BACCEGA, 2000, p.17), como foi analisado antes e o será novamente adiante.

Para Martín-Barbero (2003, p.304), a essa perspectiva, da televisão como mediadora, “propõem-se três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural”.

A família é “um dos espaços fundamentais de leitura e codificação da televisão” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.305). A temporalidade social, segundo o autor, cria uma “estética de repetição” onde o tempo é repetitivo, “que começa e acaba para recomeçar, um tempo feito não de unidades contáveis, mas sim de fragmentos” (MARTÍN-BARBERO, 2003. p.307). E a competência cultural, ligada aos

gêneros, que “constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.311).

3.1 Descrição detalhada da metodologia

A escolha por estudar a criança e sua relação com a TV apontou a necessidade de utilizar dois métodos, já que não há um método específico único capaz de trabalhar as áreas selecionadas para este trabalho.

No início, a idéia de estudar um caso com apenas uma criança pareceu não ser suficiente para conhecer a totalidade das informações desejadas. Por isso, as melhores opções de estudo foram o grupo focal e, também, o estudo de caso.

As diferenças entre os métodos escolhidos foram importantes na análise dos resultados obtidos na pesquisa, pois trouxeram visões diferentes sobre o mesmo tema. Isso se deu porque a criança foi estudada primeiramente inserida no grupo e posteriormente, sozinha.

O grupo focal deu início à coleta de dados da pesquisa. Costa afirma que o método “permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas” (2010, p.180), ou seja, esse estudo permitiu observar a percepção da criança em relação à programação televisiva.

Além disso, a autora explica que o objetivo do grupo focal não é generalizar conceitos, já que o estudo é feito com um número reduzido de pessoas, mas sim, buscar a compreensão e percepção dos aspectos estudados (COSTA, 2010, p.181).

Costa (2010) ressalta ainda que as questões elaboradas para o grupo focal devem ser pensadas e analisadas individualmente. Como o objetivo é provocar discussão, conversas e troca de experiência entre as crianças, o questionário não deve ultrapassar 12 questões. Há ainda uma ordem certa para conduzir o grupo com as perguntas. “Recomenda-se que o roteiro de perguntas tenha um ritmo que começa com perguntas amplas, divergentes; na metade do roteiro, perguntas focais [...] e perguntas genéricas na finalização do roteiro”. (COSTA, 2010, p.184)

O Grupo Focal é altamente recomendável quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado, quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema. Em contrapartida, os grupos focais não atendem a necessidades de dados estatísticos [...] (COSTA, 2010, p.183).

Foi exatamente essa a idéia do trabalho. Ouvir as crianças, o que tinham a dizer sobre a televisão e os programas que assistem, trocar experiências que tem em casa, na escola e demais ambientes de convívio onde há a presença da mídia. Não houve nenhuma expectativa em obter dados estatísticos, mas sim, relatos das crianças quando estão em grupo.

De acordo com Puchta (2004), os Grupos Focais representam um oásis de liberdade no grande deserto determinista dos questionários. Por outro lado, há necessidade de saber administrar essa liberdade. Liberdade na condução para que as respostas sejam as mais espontâneas possível, liberdade na análise, permitindo identificar pistas, conexões e permitindo documentar uma variedade de pontos de vista e percepções sobre o tema em tela (COSTA, 2010, p.191).

Após estudar as crianças em grupo, se iniciou a segunda parte do trabalho. Aqui, uma das crianças foi observada mais profundamente e acompanhada de perto. Sua relação com o controle-remoto, os programas que assiste, quais canais escolhe, quais são preferidos, o que não gosta de assistir e porque, tudo isso foi observado.

Por ser um caso específico, uma situação em especial, a metodologia mais indicada foi o estudo de caso. Sua escolha seu deu também pelo fato de que uma metodologia complementa a outra, não atrapalhando de forma nenhuma nos resultados da pesquisa.

Para Yin,

o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas (apud DUARTE, 2010, p.216).

Para chegar aos resultados do trabalho, houve uso de algumas técnicas para reunião de informações como observação e entrevistas. Segundo Duarte, essas técnicas são definidas assim:

Entrevistas. É considerada uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso. Não devem ser confundidas com o método de levantamento de dados – survey, que compreende a realização de

entrevistas com um grande número de pessoas por meio de um questionário predeterminado (MALHOTRA, apud DUARTE, 2010, p.230).

Observação direta. É feita quando em visita ao local do estudo de caso e serve para fornecer dados adicionais sobre o tema em análise. Compreende atividades formais como desenvolver protocolos de observação; e informais como as condições físicas de um edifício e a distribuição de espaços de trabalho que podem revelar algo sobre problemas financeiros de uma instituição ou sobre a posição ocupada pelo respondente em sua estrutura (DUARTE, 2010, p.230).

Com o estudo desse caso em especial, houve coleta de dados o suficiente para comparar o comportamento da criança quando em grupo e quando sozinha, no seu relacionamento com a mídia.

Além desses, outro motivo na escolha dos métodos foi o paradigma. Tanto o Grupo Focal quanto o Estudo de Caso utilizam principalmente de ferramentas qualitativas. “O Grupo Focal, como ferramenta de pesquisa qualitativa, ajuda a identificar tendências, o foco, desvenda problemas, busca a agenda oculta do problema” (COSTA, 2010, p.180).

Na busca de resultados pouco estatísticos, mas sim, conclusões com base nos relatos, nas entrevistas e nos acompanhamentos das crianças estudadas, concluiu-se que o paradigma ideal não seja o quantitativo, mas o qualitativo.

Em geral, os estudos de caso são comumente vistos como de natureza qualitativa, ou “naturalística”; aquele que “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE; ANDRÉ apud DUARTE, 2010, p.218).

A compreensão da metodologia permitiu uma busca mais eficaz do resultado, que será explicado a diante.

3.1.1 Sujeitos

Um grupo de 15 crianças, de diferentes classes sociais, entre meninos e meninas, que moram em diferentes lugares do Distrito Federal, com idades entre 4 e 9 anos foi escolhido para realizar a pesquisa de campo deste trabalho. A religião evangélica é o que há em comum entre eles. Nem todos freqüentam a mesma igreja

e muitos deles só se encontram aos domingos, quando os pais vão aos cultos. Como alguns deles não vão regularmente à igreja, então os encontros entre essas crianças pode acontecer 2 ou 3 vezes ao mês.

Depois de ler sobre o assunto, pesquisar as teorias existentes e buscar entender mais a respeito dessa relação tão cheia de mistérios, foi possível criar um roteiro de entrevista para discussão com as crianças.

O assunto 'religião' não foi discutido, mesmo sendo um fator em comum entre elas, pois não fazia parte do foco dado à pesquisa. As questões abordadas com as crianças falavam somente sobre televisão, escola, atividades de rotina em casa e na escola, e suas preferências nesses assuntos.

Em especial, uma das crianças foi escolhida para ser estudada individualmente, em seu ambiente familiar. A escolha se deu pela proximidade de localização e também pelo fato da criança já ser conhecida da pesquisadora. Optou-se por estudá-la assim, já que o seu comportamento poderia ser diferente quando em grupo com outras crianças e quando sozinha, em casa.

3.1.2 Autorização

Assim que definido o tema desta pesquisa, e a metodologia que seria utilizada, uma autorização foi preparada para consentimento dos pais, já que todas as crianças pesquisadas são menores de idade.

Todos assinaram o termo. Nenhum problema foi encontrado por nenhum pai ou responsável das crianças que participaram do Grupo Focal. A entrevista foi realizada com sucesso e gravada em formato de vídeo para arquivo.

A criança escolhida para participar do Estudo de Caso, um menino de 6 anos de idade, também teve o termo assinado pelos pais. Foi possível realizar a pesquisa na casa dele, localizada na Vila Planalto/DF, em 2 dias diferentes, após a realização do Grupo Focal. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio para arquivo.

3.2 Apresentação e discussão dos resultados

3.2.1 O Grupo Focal

Um grupo de 15 crianças, de diferentes classes sociais, entre meninos e meninas, que moram em diferentes lugares do Distrito Federal, com idades entre 4 e 9 anos foi escolhido para realizar tanto o grupo focal, quanto o estudo de caso deste trabalho. No total, participaram da pesquisa 6 meninos e 9 meninas.

O objetivo do Grupo Focal foi, principalmente, estimular discussão sobre assuntos relacionados à mídia, representada pela televisão e seus programas, além de observá-los enquanto conversavam sobre esse assuntos. Também identificar tendências, opiniões e relatos das crianças quando questionadas a respeito da mídia.

A entrevista em grupo foi realizada na Igreja Evangélica Renascer, após aula na “escola dominical” da igreja, no domingo 12 de setembro de 2010, às 19h.

Um questionário com 13 perguntas foi organizado, em seqüência proposital, conforme sugestão de Costa (2010). As perguntas, após ampla análise, ficaram assim:

- Quem já vai para a escola?
- O que vocês fazem na escola? Quais atividades?
- O que é mais legal na escola? E mais chato?
- O que vocês fazem durante o dia?
- Vocês lêem livros? Quem gosta de ler livros?
- Quem tem TV em casa?
- Que programas passam na TV?
- O que a televisão é para você?
- Como seria a vida sem TV?
- Que programas vocês mais gostam de assistir? Que canais?
- Por que vocês gostam desses programas? O que tem de legal neles?
- Se você fosse uma pessoa que passa na TV, quem seria?
- O que vocês querem ganhar no Dia das Crianças?

As crianças ficaram muito animadas com a sessão de Grupo Focal. Muitas delas ficaram ansiosas para responder às perguntas, estavam em todo o tempo participando, levantando a mão para chamar a atenção e em alguns momentos era complicado contê-las, pois todas falavam alto e ao mesmo tempo.

Em comparação com os autores pesquisados, muitas respostas foram semelhantes às já citadas por eles, como a desse menino de 8 anos, quando questionado sobre o que faz durante o dia: “Eu faço natação, capoeira, judô...”

Muitas crianças relataram que praticam algum esporte durante o dia, além de ir à escola, como essa menina de 4 anos: “Eu brinco de futebol”.

Quando questionados sobre a televisão, todos responderam que possuem o aparelho em casa, e todos afirmaram também que assistem TV todos os dias e possuem seus programas prediletos, ou seja, independente de ter atividades extraclasse, as crianças separam um tempo para ver TV.

Essa menina de 9 anos possui TV por assinatura e tem seu canais prediletos: “Discovery Kids, Record, SBT, MTV”, e também esse menino de 8 anos: “Na minha TV passa Animal Planet. É porque eu tenho a SKY”.

Sobre a importância da televisão e dos programas a que assistem, as crianças possuem opiniões diferentes, mas todas também bastante semelhantes às estudadas. Esse menino de 8 anos é rápido na sua resposta: “A TV é um canal informativo”. Já esse outro, de 6 anos, concorda: “TV é informação legal”. É notável a presença da informação e da diversão nas respostas das crianças. Essa outra menina de 9 anos diz: “Fala sobre notícias, sobre acidentes, sobre coisas boas...” e esse menino de 8 anos completa: “...e sobre coisas ruins também”.

Como estudado, as crianças têm suas interpretações a respeito do que é bom e do que é ruim, do que é certo e do que é errado. Quando questionados sobre como seria a vida sem televisão, esse menino de 9 anos, com semblante triste responde: “la ser chato, porque a gente não vai poder saber se tem trânsito na hora de ir para a escola, não ia passar muito desenho legal”, e outras são bastante sinceras, como essa menina de 7 anos: “la ser muito chato porque eu passo a tarde toda assistindo a TV”.

A presença do senso-comum também foi notável. A possível opinião dos pais, responsáveis ou professores mostra que as crianças guardam na memória o que ouvem sobre a televisão. Esse menino de 8 anos, quando questionado sobre a

importância dos programas que assiste, responde: “Porque a gente cresce em sabedoria. É. Por causa do Animal Planet, do History Channel, Discovery Home & Health”.

Ao final, quando questionados sobre quem gostariam de ser, se fossem uma pessoa da televisão, muitos responderam sobre pessoas que estão atualmente na mídia, como Mariah Carey, Ana Hickman, Neymar, Lady Gaga, Beyoncé e Justin Bieber.

Em análise, é possível destacar que a televisão representa, para as crianças estudadas, as características mais citadas pelos autores: informação e diversão. E o fato de que a televisão é considerada mais divertida que a escola ou a leitura de livros, também é evidente.

3.2.2 O Estudo de Caso

Caio³ foi escolhido para realizar o Estudo de Caso. O menino, de 6 anos, mora na Vila Planalto e adora assistir televisão. Além desse, outro motivo interessante para realizar a pesquisa com ele, é o fato de possuir um irmão de 1 ano e 10 meses de idade, que por ser mais novo, tem a tendência de copiar praticamente tudo que Caio faz.

Durante as visitas, a prima de Caio, Sara⁴, que tem 9 anos, estava presente pois moram na mesma casa e passam bastante tempo juntos. O irmão menor também estava na sala. Logo no início, no primeiro dia, as crianças foram questionadas sobre o que fazem pela manhã. Caio e Sara responderam que assistem à TV e depois se arrumam para ir à escola. Segundo Andressa⁵, mãe de Caio, ele adora a professora, e por isso não tem problemas na hora de estudar.

Os dois também disseram que não usam o computador durante a semana. Sara explicou: “Minha mãe não deixa. Só posso mexer no final de semana”. Aqui, nota-se a presença dos limites impostos pelos responsáveis. As crianças não ficam soltas em casa, para tudo há horário pré-programado: assistir à TV, usar o computador, tomar banho, almoçar e horário para estar na escola.

³ Nome fictício escolhido por motivos de proteção à criança. Demais dados como idade e local onde mora, são verdadeiros.

⁴ Nome da prima é fictício.

⁵ Nome da mãe é fictício.

Outro fato curioso foi a característica do ‘programa educativo’ encontrada na fala de Caio. Durante a conversa, Caio comentou sobre um programa de peixes que passa na televisão. “Passa no mar. Lá no escuro. É um peixe abissal”.

Aqui também é possível notar a presença do senso comum, a idéia do que é considerado bom ou ruim pelos pais, que conseqüentemente, transmitem aos filhos suas opiniões. Enquanto assistiam na televisão o desenho do Homem de Ferro, Caio foi questionado se havia assistido ao filme Homem de Ferro, e ele respondeu: “O filme? Do humano? Assisti. Não é tão violento assim não”.

Durante a entrevista foi possível perceber que as crianças diferenciam o real do imaginário. Sabem que desenho animado não é de verdade. “Eu gosto de assistir o Ben 10. Mas o Ben 10 é de mentirinha, tia” disse Caio quando o desenho passou na TV. “Esse é o Ben 10 com os alienígenas. Mas alienígena não existe. É só de brincadeira”.

Enquanto o desenho passava, Caio e Sara explicavam os personagens e o que cada um deles faz no desenho. Quando Ben 10 está lutando com os inimigos, Caio expressa: “O Ben 10 luta contra o mal”. No momento em que o personagem bate no inimigo, Caio feliz fala: “haha (risos) Tóma. É o mesmo que eu falo com meus coleguinhas, quando eles me batem, aí eu falo ‘segura essa, meu filho’. Eu não bato neles. Eu amarro eles com a corda, porque eles ficam me provocando. Eu tenho uma corda na minha mochila, aí eu amarro eles bem apertado”.

Andressa explica que Caio já teve problemas na escola. Certa vez o menino apanhou de outros garotos mais velhos, mas tudo foi resolvido. Caio nunca bateu em ninguém, mas às vezes é provocado por outros garotos da rua onde mora.

Em análise, notou-se que Caio pouco mexeu no controle-remoto, nas duas visitas. Poucas foram as vezes que ele mudou de canal. Passou a maior parte do tempo assistindo aos desenhos da emissora SBT e quando acabavam, Caio já sabia qual era o próximo. Mostrou interesse pelos outros canais, mas escolheu qual assistir pela programação, pelo desenho que mais gosta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema de pesquisa desta monografia questionava como a televisão influencia a criança com novas idéias, opiniões e mudança de comportamento. Após a leitura de diversos autores e várias teorias, algumas em concordância, outras contraditórias, e também após analisar as crianças em grupo e individualmente, é possível chegar a uma conclusão diferente da esperada no início do trabalho.

Esperava-se encontrar uma notória influência da mídia no comportamento infantil, tanto nos aspectos da educação como em casos de violência, consumo e outros.

Hoje, depois de todo o caminho percorrido, é possível concluir que a criança recebe uma “bagagem” de informação durante a infância. Os pais e professores exercem influência no que consideram certo ou errado, bom ou ruim.

A criança não é um ser isolado, que aprende sozinha como a vida funciona. Existem adultos a sua volta que ensinam grande parte do que sabem. Se a criança possui bons exemplos dentro de casa, se os pais se preocupam com o que assistem, ocupam tempo ensinando as verdades e mentiras que passam na televisão, então ela conseqüentemente vai saber que a violência é uma situação muito presente nos dias de hoje, e que não é algo bom. Não necessariamente essa consciência terá influência nas suas escolhas futuras, quando adulta, mas ela vai crescer com uma base criada pelos princípios passados pelos pais e professores.

Da mesma forma com uma criança sem base familiar ou escolar, que provavelmente fica em casa sem limites, assiste o que quer e não têm horários a cumprir com demais deveres. A violência, por exemplo, pode acabar tendo um efeito completamente diferente na vida dessa criança.

Segundo Rezende, “o telespectador infantil está mergulhado em sua ambiência, e o seu vivido na família, na escola, no bairro e o que ele compartilha com os colegas é determinante para sua visão de mundo” (2009, p.81), ou seja, a carga de conhecimento da criança, adquirida através de ensinamentos dos pais ou professores, tem total influência no seu desenvolvimento, fazendo com que a televisão seja recebida de formas diferentes por elas, de acordo com os princípios que aprende.

A mídia transmite muito do que é a realidade. Não necessariamente tudo, pois existem programas sensacionalistas que acabam exagerando “na dose”. A questão está justamente na dosagem de tempo gasto pelos pais, responsáveis e professores em ensinar a criança o que é certo e errado, o que é bom ou ruim. Segundo Rezende,

As programações televisivas, em geral, podem oferecer estímulos à verbalização. Crianças encorajadas a relatar episódios de programas, as notícias que mais lhes chamaram atenção ou um novo comercial, podem interpretá-los em suas brincadeiras, exercitar oportunidades sociais de observação de similitudes e diferenças e verbalizar o que assistiram na TV, fazendo pontes com sua vida cotidiana (2009, p.81).

A mídia pode educar ou deseducar. A mídia pode ensinar coisas boas ou coisas ruins, influenciar no comportamento de uma criança, ou não. A construção de personalidade acontece fatalmente, e durante essa fase, a criança receberá bases e princípios que levará durante toda a vida.

5 REFERÊNCIAS

ALEGRIA, João. O consumo audiovisual culturalmente ativo na infância. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.81-94.

ALVES, Cristiane; LABRUNIE, Maria das Graças. Representação da tevê em desenhos infantis. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.64-80.

BARTELOTTI, Natália, et.al. **Adoleta**. São Bernardo do Campo: Intercom, 2010, 7p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/expocom/EX19-0969-1.pdf>> Acesso em 26 out 2010.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: Uma mediação possível?** São Paulo: Senac, 2000.

CARMONA, Beth. Emissão consciente e recepção crítica. In: PACHECO, Elza (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2009. p.65-67.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Castelo Rá-Tim-Bum**. 1.ed. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções. In: CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão; FIORENTINI, Leda Maria Rangel (coord.). **TV na escola e os desafios de hoje**: curso de extensão para professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública UniRede e Seed/MEC. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. mod 2. p.19-73.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. p.180-192.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. p.215-235.

DUARTE, Rosália; MIGLIORA, Rita; LEITE, Camila. O que as crianças pensam sobre o que aprendem com a tevê. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.95-107.

DUARTE, Rosália. Apresentação. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.9-15.

_____. Introdução. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.17-40.

DÜRST, Walter George. Especialização da TV/Especialização do sentido. In: PACHECO, Elza (Org.) **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009. p.119-123.

ENDRUWEIT, Leila Martina Baratieri; RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. **A influência das telenovelas na vida dos adolescentes**. Caxias do Sul: Intercom. 2010, 15p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2805-1.pdf>> Acesso em: 26 out 2010.

FERNANDES, Adriana Hoffmann; ALVES, Dayse. Produção textual, opinião e TV: Como as crianças expressam na escrita o que pensam sobre a TV? In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.41-63.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2.ed. Tradução: Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Infância: Entre a anterioridade e a alteridade. In: SOUTO, Kely Cristina Nogueira, et.al. **A infância na mídia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.13-45.

GUARESCHI, Pedrinho A. O meio comunicativo e seu conteúdo. In: PACHECO, Elza (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009. p.83-92.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. Bons motivos para gostar da televisão que sua criança gosta. In: SOUTO, Kely Cristina Nogueira, et.al. **A infância na mídia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.197-216.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

PACHECO, Elza. Infância, cotidiano e imaginário no terceiro milênio: Dos folguedos infantis à diversão digitalizada. In:----- **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009. p.29-38.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário da comunicação**. Rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. Televisão: Babá eletrônica? In: PACHECO, Elza (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009. p.71-82.

TÁVOLA, Arthur da. TV, criança e imaginário. In: PACHECO, Elza (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009. p.39-49.

VERDE, Cláudia Dalla. Ficção e encantamento televisivo. In: PACHECO, Elza (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2009. p.93-99.